

Carta da Aty Guasu Guarani Kaiowá aos representantes do Governo Alemão

Depois do que vocês viram e ouviram, nós, da Aty Guasu Guarani Kaiowá, a assembleia-geral do nosso povo, escrevemos ainda com o coração apertado e a voz embargada para narrar a terrível realidade que nosso povo, os Guarani Kaiowá, enfrenta no Mato Grosso do Sul, Brasil. Nossa história é marcada por dor e resistência. Desde o final do século XIX, fomos expulsos de nossas terras ancestrais, despojados violentamente de nossos territórios e tudo o que ele significa para nosso modo de vida. Confinados em reservas minúsculas, onde a miséria, a fome e o desespero nos consomem, seguimos resistindo e lutando por nossos direitos.

A **Aty Guasu**, a Grande Assembleia Guarani e Kaiowá, é a principal instância de organização política e social de nosso povo. Há décadas, nos reunimos para discutir nossos direitos, fortalecer nossa resistência e espiritualidade e buscar justiça. A Aty Guasu tem sido um espaço de articulação para denunciar a violência contra nossas comunidades e reivindicar a demarcação de nossas terras. Por essa razão, ao longo dos anos, nossas lideranças têm sido perseguidas, criminalizadas e assassinadas por lutarem em defesa da Mãe Terra e todos os seres que a habitam.

Toda violência contra nós, os assassinatos e os suicídios como expressão máxima, resultam da consciência racista dos que não nos aceitam e manifestado no **discurso de ódio sistemático**, fomentado por políticos, fazendeiros e setores interessados na exploração de nossas terras. O **relatório da ONU sobre a Prevenção de Genocídio** alerta que o **discurso de ódio é um dos principais sinais de alerta para crimes de atrocidade**, pois legitima a violência, desumaniza grupos inteiros e fomenta a impunidade. No Brasil, somos frequentemente retratados como entraves ao "progresso", como invasores de nossas próprias terras, e esse discurso tem consequências reais: incentiva ataques, impede a demarcação e fortalece políticas anti-indígenas.

Por essa razão, em maio de 2023, a então **Subsecretária-Geral da ONU e Conselheira Especial para a Prevenção do Genocídio, Alice Wairimu Nderitu**, visitou nossas comunidades de Guyraroka, Guapo'y e Apyka'i, e expressou **choque diante da pobreza extrema** por que somos submetidos. Manifestou forte preocupação com o **alto índice de suicídios entre nossos jovens**, além da **intoxicação causada pelo uso excessivo de agrotóxicos** nas proximidades de nossas aldeias.

A demarcação de nossas terras tradicionais deveria ser um direito garantido pela Constituição Brasileira de 1988, mas se tornou uma promessa vazia. Enquanto esperamos, **fazendeiros e grileiros avançam sobre nossas aldeias, queimam nossos roçados e ameaçam nossas famílias**. Cada dia sem demarcação é um dia de resistência, mas também de perda. Perdemos um pedaço da nossa história, da nossa cultura, da nossa identidade quando nossos anciões morrem sem terem seus territórios restabelecidos.

São eles e elas quem mais enfrentam a **violência da intolerância religiosa**. Nossos rezadores tradicionais, *ñanderu* e *ñandesy* (nosso pai e nossa mãe) são perseguidos e criminalizados, impedidos de praticar nossa fé. **Nossas casas de reza são destruídas, nossos objetos sagrados são profanados**. E sabemos que essa intolerância religiosa **é um fator de risco de genocídio**, pois visa destruir nossa cultura, nossa identidade e nosso modo de vida.

Nos últimos quatro anos, de 2020 até agora, pelo menos 16 grandes Casas de Reza foram incendiadas de forma sistemática e criminosa em pelo menos dez territórios Guarani e Kaiowá.

Citamos apenas alguns dos casos para ilustrar:

- **2020:** Um grupo de seguranças armados atacou a Reserva de Dourados, atacou e queimou totalmente a Oga Pysy – Casa de Reza, recém-construída pela comunidade no território retomado. Na semana anterior, o mesmo grupo armado havia atacado a comunidade pela sétima vez no ano, derrubando os barracos e queimando seus pertences.

- **2020:** incêndio criminoso de uma Casa de Reza na aldeia Jaguapiré e a destruição de objetos sagrados que estavam dentro dela. Alguns desses objetos tinham mais de 200 anos e eram passados de geração em geração.

- **2020:** Incêndio criminoso da casa de reza de Laranjeira Nhanderu por um grupo de fazendeiros junto a pessoas de igrejas evangélicas.

- **2021:** Uma casa de reza do povo Guarani Kaiowá no tekoha Guapo'y, reivindicado pelos indígenas como parte da reserva de Amambai, foi totalmente destruída após ser incendiada.

- **2021:** Uma casa de reza do tekoha Itay Ka'aguyrusu, do povo Guarani e Kaiowá, foi incendiada na madrugada do dia 29 de dezembro no município de Douradina.

- **2021:** No dia 19 de agosto, a vítima foi o rezador Guarani Kaiowá Cassiano Romero, de 92 anos, que teve sua casa de reza incendiada na aldeia Rancho Jacaré. No momento do fogo, Romero estava no grande encontro de rezadores Kaiowá, para a inauguração de outra casa de reza na região.

- **2022:** – Oga Pysy – no tekoha Rancho Jacaré, município de Laguna Carapã (MS), foi alvo de um incêndio criminoso. O espaço virou cinzas após menos de dois meses da inauguração, realizada no dia 29 de agosto.

- **2022:** Rezadeiras do povo indígena Guarani-Kaiowá são ameaçadas e insultadas por pessoas ligadas a igrejas evangélicas com ameaças também de queimas de suas casas de reza e cura. A violência conta com apoio de uma espécie de milícia que tem atuado na aldeia Amambai. As rezadoras são a parteiras tradicionais da comunidade. As ameaças começaram a partir de 2008, quando algumas rezadeiras decidiram parar de frequentar a igreja evangélica, que não aceitava as práticas tradicionais Kaiowá. As agressões verbais e tentativas de impedir a atuação das ñandesy na aldeia se intensificaram desde então

- **2023:** Nos dias 26 e 27 de agosto, a Assembleia dos Povos Guarani e Kaiowá, Aty Guassu, se reuniu na casa de reza dos anciãos Getúlio e Alda, porque esses relataram que vinham recebendo novas ameaças de queima da casa de reza deles. Segundo os rezadores, as ameaças são muitas. Eles relatam que não querem ver sua casa de reza, espaço sagrado, destruída novamente pelo fogo, como ocorreu em 2019.

- **2023:** Desta vez, a casa que pertence à comunidade do Tekoha Tajasu Iguá, localizada em Rio Brilhante, foi novamente destruída pelo fogo no dia 10 de novembro.

Neste mesmo período, as vidas de muitas rezadoras e rezadores foram ceifadas, alguns em condições e circunstâncias bárbaras.

Em memória, carinho e dor, recordamos aqui de Dona Damian, Rezadora que foi vítima de violências durante toda uma vida, e que acabou encontrando a morte, assassinada na beira de uma rodovia, na desesperança de ter seu território demarcado. Lembramos também de Dona Estela, anciã assassinada a tiros em 2022, no território de Yvy Katu. A nhandecy Sebastiana Gauto e seu marido Rufino queimados enquanto dormiam em sua casa, no território de Guasuty em 2023 e o assassinato brutal de Argemiro, ancião e Nhanderu assassinado no final do ano passado.

Todos estes e muitos outros sofreram ameaças inúmeras vezes, por serem rezadores tradicionais do nosso povo. Ameaças que nunca são escutadas pelas autoridades.

Para nosso povo Guarani e Kaiowá doi muito estes ataques contra nosso rezadores e nossas casas de reza. Perdemos pessoas queridas, Mbarakas e Xirus sagrados, Kurusus, apykas que eram protegidos por rezadores e guardiões ao longo do tempo, que protegiam os destinos e garantiam a harmonia do nosso mundo.

Não rezamos apenas por nós, nosso pertencimento à Terra nos exige de rezar e cuidar de todos e todas os seres que vivem em nossos territórios. Nossas rezas é para garantir a vida de todos e todas e, por isso, protegemos a natureza e o meio com nossas próprias vidas.

Por fim, somos gratos a Alemanha por seu compromisso e experiência com os povos indígenas de todo o mundo. Sabemos que a GIZ tem compromisso histórico com a demarcação das terras indígenas, sobretudo na Amazônia e que através da Funai tem trabalhado pela proteção e pelo manejo sustentável das terras indígenas. Agradecemos também o trabalho de Misereor, ao apoiar nossos aliados e nossas assembleias gerais e ações de incidências. Vocês tem sido aliadas na luta pelos nossos direitos.

Neste sentido nos permitam pedir a vocês:

1. Um **engajamento diplomático** junto ao governo brasileiro para pressionar pelo avanço da demarcação de nossas terras e pelo fim da violência contra nosso povo, no cumprimento das recomendações que o Brasil aceitou da Alemanha sobre povos indígenas na Revisão Periódica Universal (RPU).

2. Pedimos intermediação, com **apoio financeiro e específico**, junto à FUNAI para finalizar os estudos e publicar TODOS os relatórios de identificação de nossos territórios.

3. **Fortalecimento da autodeterminação indígena**, investindo em educação intercultural, autonomia econômica e projetos sustentáveis que garantam nossa sobrevivência sem depender de um Estado que nos ignora.

4. Nos ajude no **combate ao discurso de ódio contra os povos indígenas**, utilizando as diretrizes da ONU, incluindo a Recomendação Geral No. 35 do CERD, para identificação e prevenção desse fenômeno, promovendo campanhas de conscientização e responsabilização dos atores que disseminam desinformação contra nosso povo.

5. Através de nossos parceiros e diretamente apoiem **Ações de combate à intolerância religiosa**, garantindo o direito à liberdade religiosa do nosso povo por iniciativas de proteção e valorização de nossos rezadores e locais sagrados.

6. Que a Alemanha possar assumir a coordenação e engajamento de outros países e, com o apoio do Escritório de Prevenção de Genocídio da ONU, proponham uma **Resolução junto ao Conselho de Direitos Humanos da ONU** sobre os riscos de Genocídios que pairam sobre os Povos Indígenas, baseado em discurso de ódio e intolerância religiosa.

Nosso povo está cansado de enterrar seus líderes, crianças e religiosos mortos de forma violenta e cruel. Somos guardiões da Mãe Terra, dos rios e das florestas que protegem toda a vida no planeta e sabemos que nossa luta não é apenas por nós, mas por todas as formas de Vida.

**Esperamos que nossa voz seja ouvida.
Com esperança e resistência,**

Aty Guasu Kaiowá e Guarani